

MEIO AMBIENTE

Região que abriga dez mil espécies de árvores, 195 de mamíferos e 780 de peixes corre sério risco de acabar dentro de poucos anos por causa da degradação da natureza provocada pela agricultura e pecuária extensivas

O cerrado agoniza

Cristina Ávila
Da equipe do Correio

A vida selvagem do cerrado está cercada pelos maiores rebanhos bovinos do país e por lavouras onde estão quase um terço da produção nacional de grãos. Já foram destruídas entre 56% e 60% da cobertura vegetal original de seus 200 milhões de hectares, espalhados por 15 estados. Cientistas e organizações não-governamentais alertam que fauna e flora correm risco nos redutos ecológicos que restaram. São dez mil espécies de árvores, 195 de mamíferos e 780 de peixes. Nas matas de galeria, que protegem margens de rios e córregos, habitam 50% das espécies de aves do Brasil.

“Estamos perdendo áreas sem conhecer a riqueza que está sendo perdida”, afirma Jeanine Felfili Fagg, pesquisadora do Departamento de Engenharia Florestal da Universidade de Brasília (UnB). A área original do cerrado atinge dois milhões de quilômetros quadrados, 25% do território brasileiro, concentrados no Centro-Oeste e Sudeste, mas com manchas até no

Amapá (leia abaixo).

Segundo Jeanine Felfili, entre as 1.000 árvores típicas de todo o cerrado, por exemplo, apenas 30 estão em todos os lugares. Entre elas o pequi, barbatimão, carvoeiro, murici e lixeira. As demais estão em algumas áreas e em outras não. Isso significa que para cada lugar onde a vegetação é destruída podem ter sido extintas algumas espécies que não chegaram a ser conhecidas.

ALTERNATIVAS

Os números da professora Jeanine Felfili fazem parte dos estudos sobre as perspectivas de futuro para o cerrado que estão sendo realizados por universidades, ONGs e órgãos do governo, como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Eles estão buscando alternativas para que o desenvolvimento econômico leve em conta a preservação ambiental.

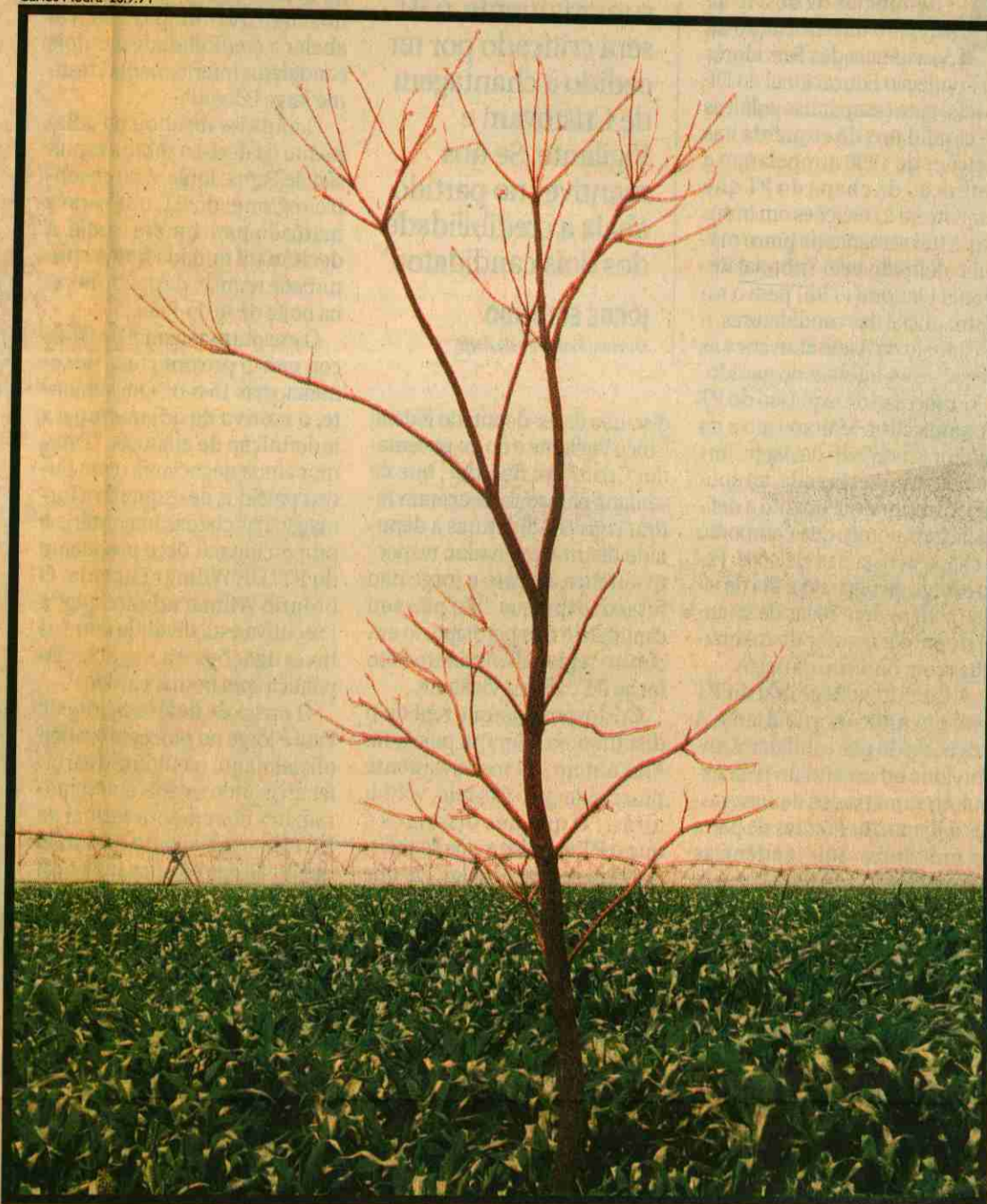
Somente em áreas de cerrado do Centro-Oeste, pastam 63 milhões de bovinos, que representam 35,68% do rebanho nacional. E neste ano será produzida quase a metade das 41 milhões

de toneladas da safra de soja estimada pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Além de 19,5 milhões de toneladas de soja, o cerrado do Centro-Oeste vai produzir 6,7 milhões de toneladas de milho e 1,6 milhão de arroz.

Neste último ano houve um aumento de 18% da área plantada de soja no Brasil e 40% das áreas de lavoura de milho (a de arroz caiu 4%). “As novas fronteiras abertas estão no noroeste de Mato Grosso e se expande para Rondônia. Todas em áreas de cerrado”, afirma o economista Carlos Eduardo Tavares, especialista em soja na Conab.

O pesquisador da Embrapa José Felipe Ribeiro reuniu estudos de vários pesquisadores sobre as matas de galeria. Segundo ele, estas florestinhas que parecem insignificantes para algumas pessoas resguardam o berço da natureza. Apesar de representarem apenas 5% do cerrado, nelas estão 30% das espécies de flora do cerrado. Cerca de 50% de todas as aves brasileiras também se alimentam e se reproduzem nesse ambiente, que é também abrigo de borboletas.

Carlos Moura 28.9.94



A AGRICULTURA TOMA O LUGAR DO CERRADO, CAUSANDO PREJUÍZOS ECOLÓGICOS A TODO O CENTRO-OESTE

ÁREAS DE RISCO



POLÍGONO DAS ÁGUAS

Ao sudoeste do Maranhão, está cercada por soja e pecuária, ameaçando principalmente aves que se reproduzem somente nessa região. Tem forte influência da fauna e flora amazônicas.

JALAPÃO

Ao norte de Tocantins, divisa com Piauí, Bahia e Maranhão, existem três milhões de hectares de cerrado. Apesar de muito bem preservada, a região preocupa os especialistas porque está cercada de soja e tem área de desertificação.

VALE DO PARANÁ

Única mostra de mata seca do cerrado. Caracterizada por árvores que perdem todas as folhas durante a seca. Na região, de Ponta Alta de Bom Jesus (TO), há papagaios e periquitos que não existem em nenhum outro lugar do planeta.

ILHA DO BANANAL

O norte da Ilha do Bananal e áreas próximas no Médio Araguaia e Parque Estadual do Cantão (TO e MT) têm cerrado de grande porte e são ameaçados por um projeto de hidrelétrica que pode prejudicar nascentes do Xingu.

PARQUE DAS EMAS

É uma das melhores mostras de fauna do cerrado. Na região de Mineiros (GO), apesar de ser um dos patrimônios naturais da humanidade é habitado por animais que estão na lista de extinção, como onça pintada, lobo guará e água cinzenta.

EM EXPANSÃO

Nos últimos 26 anos a população que vive no cerrado duplicou. Nas áreas urbanas o crescimento chegou a 78,36%. Ocupada desde a década de 60 pelos agricultores, nos anos 80 a atividade agrícola na região cresceu 62%. Nesse mesmo período a pecuária aumentou em 33%. A população rural do Cerrado equivale a 20% da brasileira, segundo dados do IBGE do Censo de 2000.

Corredores ecológicos

Uma das idéias para conciliar a preservação ambiental e a expansão agrícola são os corredores ecológicos — espaços que permitem o fluxo da vida selvagem entre unidades de conservação (parques, estações ecológicas, etc). São como um tipo de passagem por onde os animais transitam e onde as sementes se espalham gerando novas plantas.

Os corredores não têm forma de túnel e de nenhum outro desenho geométrico. Eles são como uma colcha de retalhos formada pelas próprias unidades de conservação (federais, estaduais ou municipais) e pela adesão de propriedades privadas e até cidades que queiram participar do chamado desenvolvimento sustentável, que é o desenvolvimento com proteção ambiental e respeito aos trabalhadores. Empresários e comunidades são atraídos por causa das possibilidades de lucro.

Em Mineiros (GO), por exemplo, os fazendeiros conseguiram tirar proveito das queixadas, espécies de porcos-do-mato que roubam cereais nas lavouras causando prejuízos econômicos devido à superpopulação desses animais. Depois de projetos desenvolvidos com universidades e a Conservation International (CI), organização não-governamental parceira da UnB, Fundação Biodiversitas,

Funatura e Ministério do Meio Ambiente, os agricultores passaram a vender carne e couro do animal silvestre.

“Eles fazem até espetinho de queixada em Mineiros”, conta o agrônomo Paulo Gustavo do Prado Pereira, diretor de Política Ambiental da CI. Ele explica que as lavouras provocam o aumento da população dos mamíferos (a reprodução sempre aumenta quando cresce a oferta de alimentos, é uma consequência natural). Os profissionais, então, fazem estudos para calcular quantas queixadas cada produtor pode capturar, sem ameaçar a sobrevivência dos animais. Os lucros com carne e couro equilibram as perdas de milho.

Existem muitas outras alternativas que aliam conservação e economia. Geralmente os agricultores querem usar o máximo de áreas de plantio, desmatando até as margens de rios. Os especialistas os convencem a deixar a cobertura vegetal, mostrando que eles perdem grandes faixas de terras para as erosões, formadas na trilha onde as águas da chuva escorrem. Quando essas trilhas são deixadas com árvores, evitam voçorocas (crateras cavadas pelas águas) e af se formam ambientes para a recuperação da natureza. Assim, o corredor vai se formando, deixando passagem para a fauna.